



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

JORNALISMO HIPERPARTIDÁRIO E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DESINFORMATIVAS NAS MÍDIAS SOCIAIS: O CASO DA REVISTA OESTE

Autor: Pedro Vargas da Silva Moreira (pedrovargasmoreira707@gmail.com)¹

Orientador(a): Raquel da Cunha Recuero (raquelrecuero@gmail.com)

RESUMO

O artigo analisa como a Revista Oeste produz conteúdos que constroem narrativas desinformativas no Twitter/X. Para isso, foi realizada uma análise temática (Braun; Clarke, 2019) de 27 publicações do veículo divulgadas no Twitter/X relacionadas à Vaza Toga, uma série de denúncias sobre uma “força-secreta” do Supremo Tribunal Federal (STF) para perseguir conservadores. O artigo identificou que o veículo emprega uma estratégia populista (Laclau, 2005), utilizando-se de desinformações que reforçam as identidades políticas da audiência para antagonizar o Judiciário. Como consequência, a revista contribui para o enfraquecimento das instituições e para a crise da verdade.

PALAVRAS-CHAVE: narrativas desinformativas; estratégia populista; crise da verdade; Revista Oeste; Twitter/X

¹ Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista de Iniciação Científica do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Disputas em Soberanias Informacionais (INCT-DSI).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



2

1. Introdução

A Web 2.0 (O'Reilly, 2005) mudou o paradigma comunicacional na Internet, transformando usuários passivos em criadores de conteúdos. Esse período tecnológico potencializou formas de publicação, compartilhamento e organização das informações, além de ampliar espaços de interação entre os participantes do processo (Primo, 2007, p. 2). Nessa época também surgiram as mídias sociais, que se tornaram a principal plataforma para interagir e transmitir informações online (Bala, 2014).

Tais mudanças impactaram diretamente o jornalismo, principalmente ao simplificar a produção de notícias e facilitar a conexão com o público, transformando completamente a relação entre o jornalismo e a audiência. (Primo, 2011; Hermida, 2012). Nesse contexto, diversos autores trataram dos efeitos da digitalização do jornalismo, como a busca por engajamento, a fragmentação da audiência e a recirculação das notícias (Calderón; Alonso; Herrero, 2020; Fonseca, 2021; Zago, 2014).

Já na segunda década dos anos 2000, surgiram os primeiros veículos nativos digitais, ou seja, jornais que não migraram de outra plataforma para o digital, mas nasceram exclusivamente na Internet (Lenzi, 2020). Atrelado a isso, Maria Rae (2020) argumenta sobre a emergência de uma subcultura: o jornalismo hiperpartidário. De acordo com a pesquisadora, esse tipo de mídia se distancia das noções tradicionais do jornalismo (como a objetividade), possui um estilo transgressor, é abertamente ideológico, extremamente tendencioso a favor de um líder político e busca atacar o ponto de vista do outro lado, frequentemente abrindo mão dos fatos. A autora também destaca que esses veículos têm se aproveitado da arquitetura e dos algoritmos das plataformas de mídia social ao fornecer conteúdos que permitem que pessoas comuns atuem como distribuidoras (p.3).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



3

É nesse cenário que surge a Revista Oeste, veículo nativo digital e autointitulado conservador. O jornal ganhou destaque em 2025 ao publicar uma série de denúncias relacionadas ao processo que trata da tentativa de golpe de Estado no Brasil, ocorrida entre 2022 e 2023. Nomeada Vaza Toga, as matérias têm origem em uma reportagem publicada pela Folha de São Paulo, tendo seus desdobramentos difundidos pela Oeste. De acordo com a revista, mensagens obtidas com exclusividade “revelaram a criação de uma força-tarefa secreta, comandada pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes” para “[...] conscientemente esquematizar a prisão de indivíduos sem justificativa legal”.

Dado o contexto, o artigo busca responder à seguinte pergunta de pesquisa: de que forma a Revista Oeste constrói narrativas desinformativas no Twitter/X? Com o objetivo de compreender a forma como o veículo contribui para o descrédito das instituições brasileiras e para a crise da verdade no Brasil. Para isso, foi realizada uma Análise Temática (Braun; Clarke, 2019) de 27 publicações relacionadas à Vaza Toga, divulgadas no perfil do Twitter/X da Oeste entre agosto e setembro de 2025.

2.1 Jornalismo hiperpartidário

Peacock et al., (2020) situam o jornalismo hiperpartidário na interseção entre a mídia partidária e a alternativa. De acordo com os autores, assim como os veículos partidários, esse tipo de jornal se afasta das noções tradicionais de equilíbrio jornalístico e apresenta uma visão tendenciosa de um lado do debate político. O que diferencia os hiperpartidários, no entanto, é a tendência a utilizar mensagens anti-sistema e a sua dependência das mídias sociais para a disseminação dos conteúdos (Barnidge; Peacock, 2019). Rae (2021) também ressalta o uso de histórias e memes que frequentemente demonizam o ponto de vista do outro lado.

No que diz respeito à linguagem utilizada, eles tendem a romper com o estilo jornalístico, utilizando adjetivos, pontos de exclamação ou informações unilaterais



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



4

(Recuero; Soares; Gruzd, 2020). No mesmo sentido, Mourão e Robertson (2019) descrevem o uso frequente de gramáticas sensacionalistas para provocar uma reação emocional no leitor.

Além disso, para legitimar seus pontos de vista tendenciosos, os veículos hiperpartidários costumam desacreditar a imprensa tradicional (Recuero; Soares; Gruzd, 2020) e citar uns aos outros para criar aglomerados de partidarismo (Bhatt et al., 2018). Seguindo essa lógica, estudos constataram que o sistema de mídia conservador nos Estados Unidos, por exemplo, transformou-se em uma comunidade de conhecimento internamente coerente e relativamente isolada, reforçando a visão de mundo compartilhada pelos leitores e protegendo-os do jornalismo que a desafiava (Benkler et al., 2017).

Resumindo, a mídia hiperpartidária pode ser definida por demonstrar um claro favoritismo ideológico, utilizar um discurso anti-establishment, demonizar o ponto de vista do outro lado, estar fora do jornalismo mainstream (a partir do distanciamento dos padrões jornalísticos) e depender principalmente das mídias sociais para propagar suas mensagens (Peacock et al., 2021; Barnidge; Peacock, 2019; Rae, 2021).

2.2 Desinformação

O artigo utiliza a definição proposta por Recuero (2024), que caracteriza os conteúdos desinformativos como informações parciais, erradas ou falsas/enganosas, ou mesmo verdadeiras, mas enquadradas de modo a gerar confusão, cujo efeito direto é gerar caos no sistema (p.40). Nessa perspectiva, a desinformação se caracterizaria não apenas pela falsidade, mas sim pela construção de uma percepção errada ou manipulada de uma realidade objetiva.

A partir desse conceito, veículos hiperpartidários passam a ser implicados na disseminação de desinformação, principalmente por meio de plataformas de mídia



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



5

social como o Twitter/X (Bastos; Mercea, 2017). Esse tipo de mídia frequentemente oferece histórias “alternativas” ao que foi relatado em veículos de notícias tradicionais (Larsson, 2019), combinando fatos descontextualizados, repetições de inverdades e saltos lógicos para criar uma visão enganosa do mundo (Benkler et al., 2017).

De acordo com Allcott e Gentzkow (2017), isso pode ser perigoso porque seu conteúdo tendencioso, às vezes, se torna mais visível do que o da imprensa tradicional. Essa dinâmica ocorre pela forma sensacionalista e apelativa com que são produzidos os conteúdos (Mourão; Robertson, 2019) e pela ação dos usuários que os compartilham para reforçar identidades e posicionamentos ideológicos (Soares; Recuero; Zago, 2019).

2.4 Dinâmica das plataformas de mídia social

Poell, Nieborg e Van Dijck (2020) definem as plataformas como “infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam as interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados” (p.4). No caso das mídias sociais, a Tipologia de Provedores de Aplicação, elaborada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2025), caracteriza-as como um tipo de serviço cuja finalidade é conectar usuários para estabelecer relações sociais diversas a partir da produção de conteúdos.

De acordo com o relatório, essas plataformas são aplicações com alto grau de interferência na circulação dos conteúdos gerados pelos usuários (Comitê Gestor da Internet, 2025). Isso acontece porque a estrutura dessas plataformas, ao oferecer uma experiência personalizada com base nos dados dos consumidores e no processamento algorítmico, também delimita as interações sociais por meio de seus sistemas (Recuero, 2024).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



6

Um dos principais exemplos dessa influência são os mecanismos de incentivo ao engajamento contínuo, entre os quais se destaca a recomendação algorítmica (Comitê Gestor da Internet, 2025). Nesse sistema, os algoritmos reduzem a diversidade de conteúdos nos quais os usuários têm acesso, criando um ambiente no qual são expostos apenas a crenças e opiniões alinhadas às suas (Recuero, 2024). Diante disso, estudos indicam que essa falta de exposição ao contraditório pode reforçar as chamadas câmaras de eco (Nguyen, 2020) e produzir a radicalização de grupos políticos, gerando posicionamentos extremos (Cinelli et al., 2021). Além disso, ao priorizar conteúdos que geram mais engajamento, buscando uma maior monetização do tráfego, os algoritmos também beneficiam conteúdos polêmicos e sensacionalistas (Recuero, 2024), o que afeta diretamente o jornalismo no ambiente digital.

2.5 Populismo no ambiente digital

Laclau (2005) define o populismo como uma articulação política que busca a construção de uma hegemonia discursiva, sem que exista um conteúdo ideológico específico, podendo ser articulado tanto por vertentes classificadas como de esquerda quanto de direita. A estratégia é construída a partir de um antagonismo entre “povo” e “elites”, identificados por significantes vazios ou flutuantes, variando conforme o conteúdo do populismo.

Na Internet, o populismo tem tido muito sucesso, levando estudiosos (Gerbaudo, 2018) a argumentar sobre a existência de uma “afinidade eletiva” entre as mídias sociais e a forma de articulação. Pesquisas indicam que as características populistas, como a simplificação, a emocionalização e a negatividade (Romancini; Gennari, 2023), encontram ressonância com mecanismos descritos em abordagens de sistemas, como o caráter relacional, binário, reducionista e performativo das mídias digitais (Cesarino, 2020).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



7

2.6 Construção de narrativas e o papel da audiência

A ideia de narrativas considera que a linguagem constrói, compartilha e legitima realidades sociais diferentes, bem como as relações de poder estabelecidas na sociedade (Fairclough, 2001). Uma narrativa, portanto, envolve uma representação de eventos, personagens e situações que apresentam um ponto de vista, uma forma de fazer sentido do mundo para quem narra e para quem escuta (Forchtner, 2021).

A construção dessa, por consequência, envolve processos de identificação entre atores e grupos sociais. Ao se reconhecerem nessas histórias, os atores passam a construir uma “memória coletiva” (Heer; Wodak, 2008), que os unifica como grupo. Essa memória permite a construção de uma “comunidade interpretativa” (Jensen, 1991), na qual diferentes sujeitos compartilham as mesmas estratégias de decodificação.

No cenário das mídias hiperpartidárias, essa construção coletiva é crucial por possibilitar a estruturação das histórias para um público determinado. Mourão e Robertson (2019), por exemplo, sugerem que “as pessoas não estão sendo enganadas, mas que esse tipo de site opera como uma forma de segmentação política direcionada a públicos partidários específicos e concebida para inflamar suas paixões” (p. 15). Do mesmo modo, Wendling (2018) argumenta que os veículos “não publicam histórias completamente inventadas com o único objetivo de gerar tráfego”, mas que, na verdade, são abertamente tendenciosos e utilizam fatos de forma estratégica para fins políticos (p.110).

Estudos indicam que as fake news têm uma ligação direta à identidade de grupos partidários, refletindo divisões nos valores sociais e culturais entre as audiências, bem como a fragmentação da mídia (Mourão; Robertson, 2019; Faris et al., 2017). Outros autores também sugerem que as fake news são o sintoma de uma



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



8

era caracterizada por conflitos em torno de epistemologias e fontes de verdade, com grupos buscando forjar suas próprias realidades políticas (Kakutani 2018).

3. Método

A partir da contextualização das mudanças advindas da digitalização do jornalismo, do surgimento dos veículos hiperpartidários e da forma na qual eles se relacionam com as plataformas de mídia social, a pesquisa pretende analisar como a Revista Oeste constrói narrativas desinformativas no Twitter/X.

O artigo foi realizado qualitativamente, partindo de uma Análise Temática (Braun; Clarke, 2019) das publicações coletadas no Twitter/X do jornal. O objeto de análise foi escolhido com base na relevância adquirida pela Oeste durante a mobilização dos atos pró-anistia. O foco no Twitter/X se deu pelo valor obtido pela plataforma no processo de engajamento político (Park, 2013). Além disso, optou-se por coletar matérias publicadas no período de agosto a setembro de 2025, por serem os meses decisivos do julgamento sobre a tentativa de golpe de Estado no Brasil, marcados pela imposição de medidas cautelares e pela condenação do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Nesse sentido, a coleta foi realizada a partir do uso da palavra-chave “Vaza Toga” na ferramenta de busca do perfil da revista, resultando em um corpus de 27 postagens.

Para realizar o estudo, buscou-se identificar, analisar e relatar padrões (temas) contidos nos dados (Braun; Clarke, 2019). Após a familiarização com as notícias, foram elaboradas três perguntas que nortearam a análise, sendo elas: (1) De que maneira a revista constrói narrativas de oposição às instituições tradicionais? (2) Como o veículo produz um sentimento de comunidade com a audiência? (3) Quais são as fontes e como elas são utilizadas nas notícias?

4. Resultados



Os resultados deste trabalho estão expressos na construção de três temas a respeito das práticas jornalísticas da Revista Oeste. Assim, cada tema apresentado busca responder às perguntas norteadoras, como também apresentar os padrões discursivos identificados na análise, conforme ilustrado na Figura abaixo (Figura 1).

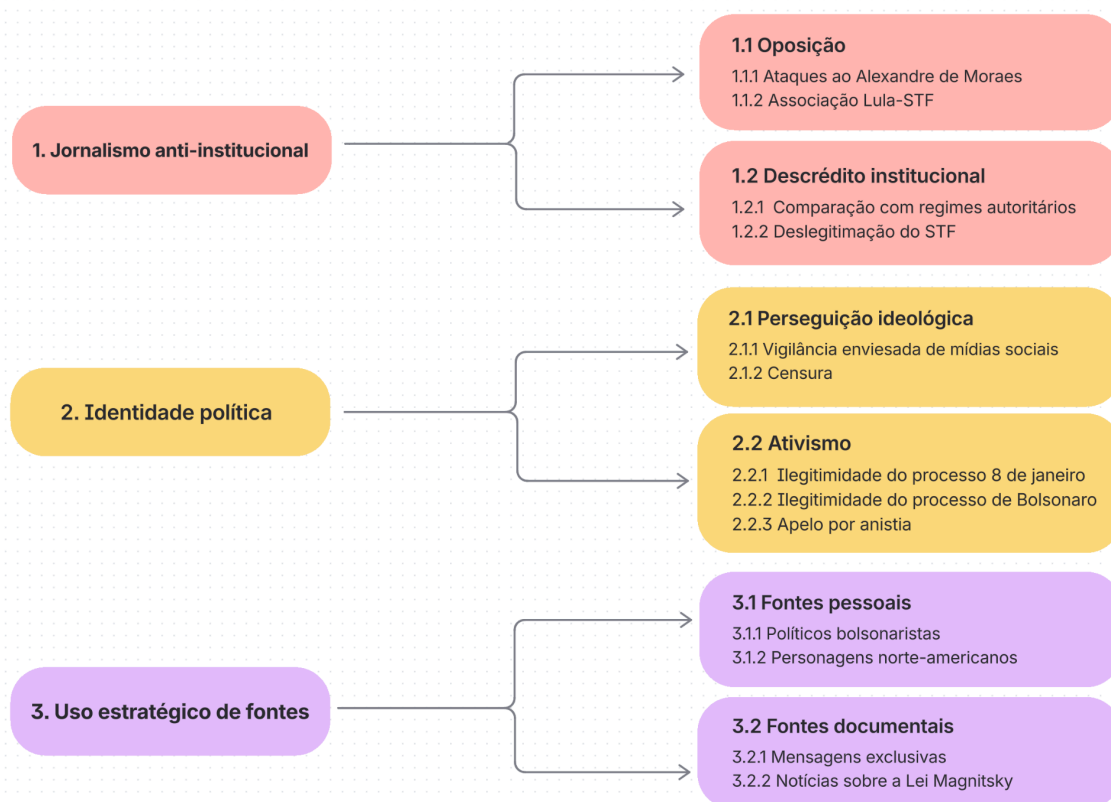


Figura 1: Temas e subtemas identificados nos dados. **Fonte:** Elaboração do autor

4.1 Jornalismo anti-institucional

O primeiro tema revela como o veículo contribui para o enfraquecimento das instituições brasileiras, em especial o STF. Assim como Cardoso e Rocha (2023), a análise dos textos revela que o ministro Alexandre de Moraes é retratado pela Oeste como um carrasco. Para evidenciar o argumento, 24 das 27 postagens analisadas



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



10

apresentaram algum tipo de ataque ao juiz, configurando-se como uma das principais estratégias da narrativa. Dessa forma, o jornal centraliza em Moraes os motivos pelos quais as denúncias são feitas, colocando-o como um “ditador” que organizou uma “justiça paralela”, envolvendo assessores do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e do próprio STF para perseguir conservadores.

Em uma das notícias analisadas, o veículo divulga um editorial da Gazeta do Povo – outro jornal autointitulado conservador – com a seguinte manchete: “Gazeta compara suposta atuação de Moraes revelada pela ‘Vaza Toga’ à repressão chinesa”. A partir disso, percebe-se que a construção do enunciado antagoniza a figura de Moraes, vinculando sua imagem a práticas repressivas. Ademais, nota-se uma associação do ministro a um país comunista, mobilizando um repertório simbólico frequentemente utilizado para provocar reações emocionais em audiências conservadoras. Assim, estimula sentimentos anticomunistas e os direciona contra Moraes, convertendo-o em um inimigo político. Nesse caso, cabe destacar também o uso de outro jornal hiperpartidário para validar o discurso.

Os artigos da revista seguem na mesma linha, mas com uma linguagem ainda mais radicalizada, incluindo comparações diretas entre a Suprema Corte e regimes autoritários. Em um artigo da edição 285, intitulado “A fraude exposta”, os jornalistas Edilson Salgueiro, Rachel Diaz e o comentarista político Carlo Cauti comparam a atuação do STF à “polícia política de Josef Stálin”, sugerindo que ambos selecionariam previamente um inimigo para, em seguida, “fabricar” delitos. De acordo com o texto, assim como na União Soviética, a justiça brasileira teria se tornado “mero instrumento da ditadura”. Ao finalizar o artigo, os autores relembram a capa de uma edição anterior, que apresenta uma imagem gerada por Inteligência Artificial (IA) de uma árvore com raízes expostas, sem folhas e pingando sangue, na qual o STF é identificado como “a fonte do mal” do país. Dessa forma, percebe-se que a narrativa não apenas antagoniza a figura de Moraes, mas também deslegitima o



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



11

STF como um todo, utilizando informações falsas e simbolismos apelativos para sustentar a narrativa.

Normalmente, as edições das revistas são exclusivas para assinantes, mas, nesse caso, a Oeste decidiu liberar o acesso ao público em geral. No Twitter/X, o artigo foi publicado três vezes, com uma das edições traduzidas para o inglês. No total, as postagens somaram 728.700 visualizações, 42 mil curtidas, 13.774 *retweets* e 719 comentários, demonstrando a ampla visibilidade obtida na plataforma.

Outro padrão identificado na análise foi a associação do Judiciário ao presidente Luiz Inácio Lula e ao Partido dos Trabalhadores (PT). Em um artigo da edição 284, por exemplo, o jornalista Silvio Navarro afirma que uma ditadura estaria sendo erguida por um consórcio de poder formado pelo PT e pelo Supremo. Na linha de apoio, Silvio afirma que Flávio Dino e Alexandre de Moraes “levantam armas para defender o regime em curso no país”. Por fim, sugere que o STF teria agido tendenciosamente para influenciar a vitória de Lula nas eleições de 2022, descredibilizando, assim, o processo eleitoral.

A partir dos trechos citados, evidencia-se a busca por questionar a legitimidade da atuação do Supremo ao insinuar que suas decisões seriam motivadas pelo interesse em beneficiar uma ala ideológica contrária aos conservadores. Observa-se, também, que as expressões “ditadura” e “regime” reforçam a estratégia de desacreditar a democracia brasileira.

4.2 Identidade política

O segundo tema evidencia como a revista reproduz sentidos compartilhados com a audiência conservadora, de modo a formar uma coesão entre o grupo ideológico e o veículo. Sabendo disso, o primeiro subtema a ser apontado é o da perseguição ideológica. No artigo chamado “A farsa escancarada do 8 de janeiro” – que enfraquece os atentados golpistas à Praça dos Três Poderes, em Brasília –, o



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



12

jornalista Cristyan Costa argumenta que o ministro Alexandre de Moraes teria formado um “mecanismo persecutório perverso” para “prender inocentes”. De acordo com o artigo,

A Vaza Toga 2 mostrou que a AEED [Assessoria Especial de Enfrentamento à Desinformação] do TSE, que era chefiada por Tagliaferro, foi usada para municiar o STF com informações frágeis que mantiveram inocentes presos. Pior: provou que a força-tarefa de Moraes no TSE produzia “provas”. Simples comentários de manifestantes nas redes sociais, por exemplo, eram suficientes para rotular alguém como “certidão positiva”, classificação interna que ajudava a manter alguém preso. As centenas de documentos nunca foram compartilhados com os advogados ou promotores, em grave violação às defesas (Redação Oeste, 2025a)

Desse modo, a ideia central é minimizar a atuação dos condenados pelos ataques em Brasília, sugerindo que, na verdade, eles teriam sido presos não com base nas suas ações, mas a partir de uma vigilância enviesada nas mídias sociais. Além disso, é possível perceber a tentativa de desqualificar os materiais utilizados para embasar as sentenças.

Durante o estudo, o tema da censura também aparece com frequência, principalmente para reforçar a ideia de perseguição. Em um dos artigos da edição 289, com a manchete “A crise veste toga”, os jornalistas Augusto Nunes e Eliziário Rocha afirmam que

Em 2022, Moraes batera o recorde brasileiro de abuso de poder com as ações ilegais concebidas para inibir, constranger, intimidar ou punir veículos de comunicação, jornalistas, candidatos e empresários que não se dobravam a avisos e ameaças. O STF e o TSE agiram como partidos políticos e influenciaram fortemente os resultados da disputa (Redação Oeste, 2025b)

Pode-se observar que os autores articulam diversos elementos da narrativa no trecho citado; além de antagonizar a figura de Moraes, o veículo se coloca em pé de igualdade com todos os “censurados” pelas críticas ao STF. Da mesma forma, o



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



13

processo de desacreditar a eleição reaparece, dando a entender que existe um conluio entre judiciário e executivo para benefício do governo petista.

Ainda, para manter a relevância do jornal entre a base conservadora, na edição 282, a Oeste afirma que “deu voz aos silenciados e jogou luz sobre os esquecidos pela velha imprensa” (Redação Oeste, 2025a). Portanto, coloca-se como porta-voz do conservadorismo no Brasil, sugerindo que a imprensa tradicional não atenderia às necessidades deste tipo de audiência. A estratégia se dá em manter um elo entre o veículo e o leitor, de modo que percebam que ambos compartilham dos mesmos objetivos.

Durante a análise, também foram identificadas tentativas de deslegitimar os processos envolvendo os presos do 8 de janeiro. Para isso, as notícias buscam detalhar quais desvios o STF teria cometido durante o julgamento. Dentre eles, destacam-se o uso de dados privados/sigilosos e o monitoramento enviesado nas mídias sociais. Além disso, a condenação de Bolsonaro também é questionada, alegando uma influência política na sentença, como mencionado anteriormente. No entanto, apesar de serem pleitos distintos, diversas vezes a revista aponta desvios de conduta no julgamento do 8 de janeiro e, ao final, apela por uma anistia geral, o que também beneficiaria Bolsonaro. Dessa forma, a Oeste produz uma percepção enganosa de que os processos estariam relacionados, utilizando-se das denúncias sobre um julgamento que não trata da prisão do ex-presidente para fundamentar o seu pedido de anistia.

4.3 Uso estratégico de fontes

O último tema aborda quais são as fontes e como são utilizadas nas notícias, sendo possível perceber o uso estratégico delas para alimentar e ratificar a Vaza Toga. Além disso, notou-se que a revista não utilizou nenhuma referência que manifestasse



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



14

uma perspectiva contrária ao que estava sendo difundido, de modo a apresentar uma versão unilateral dos fatos.

Entre as fontes pessoais escolhidas para fundamentar a narrativa, destacam-se políticos bolsonaristas. Em uma das publicações, com a manchete “É caso de cadeia, diz Van Hattem, sobre ministros do STF”, a notícia utiliza o deputado federal Marcel Van Hattem para sugerir a prisão de ministros do Supremo. Sendo assim, o jornal não se inclui diretamente no pedido, mas reproduz integralmente a declaração do congressista.

Do mesmo modo, em outra matéria – que no Twitter/X, alcançou 122 mil contas, atingindo a marca de 17 mil curtidas e 4 mil retweets – utiliza-se um depoimento do deputado federal Flávio Bolsonaro para aventar a anulação de todos os processos liderados por Moraes. Novamente, a Oeste reproduz, na íntegra, a seguinte afirmação: “Um escândalo ignorado por aqueles que ainda dão suporte a Moraes e, se fossem juízes, anulariam tudo que ele fez”.

Diante disso, percebe-se que o veículo utiliza os depoimentos para expressar pensamentos mais radicais, porém, de forma que não possa ser enquadrada juridicamente pelas declarações. As fontes servem, portanto, como munição da narrativa e como escudo contra possíveis ações judiciais. Além disso, a revista utiliza a autoridade dos deputados para questionar o Judiciário, aproveitando-se de um conflito interinstitucional para enfraquecer a imagem da Suprema Corte.

Ainda sobre as fontes pessoais, também cabe salientar os personagens norte-americanos, como jornalistas e pessoas atreladas ao governo Trump. Como exemplo, na notícia “Trump está preocupado com Brasil, diz jornalista que publicou Vaza Toga 2”, a Oeste utiliza informações do repórter Michael Shellenberger para ventilar uma possível interferência americana nos processos tramitados no STF. Na mesma matéria, o jornal aproveita uma fala do vice-secretário de Estado



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



15

norte-americano para confrontar a prisão de Bolsonaro, que, de acordo com o político, arrasta a Corte e o país para uma “ditadura judicial”.

Já entre as fontes documentais, a análise identificou duas que obtiveram maior destaque: as mensagens exclusivas obtidas pela revista e as notícias relacionadas à Lei Magnitsky. Ainda que não periciadas, as mensagens fundamentaram toda a narrativa, sendo citadas, direta ou indiretamente, em 25 das 27 publicações analisadas. De acordo com a revista, foram elas que revelaram o “*modus operandi* do gabinete paralelo elaborado por Moraes” e serviram de base para o pedido de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) elaborada pelo senador Esperidião Amin, do partido de Bolsonaro, que visava investigar possíveis “abusos de autoridade” por parte do Judiciário.

As notícias sobre a Lei Magnitsky publicadas pela grande mídia, como a Folha de S.Paulo, por exemplo, foram utilizadas para legitimar as acusações feitas pela Oeste. Nesse sentido, as sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos contra alguns membros da Corte demonstrariam a validade dos conteúdos expostos na Vaza Toga, sugerindo que, se o país tivesse se disposto a adotar medidas relacionadas ao caso, as denúncias deveriam ser verdadeiras. Além disso, o uso das matérias da Folha revelou outra estratégia: apesar de criticar o jornalismo mainstream, utilizou a autoridade do jornal para ratificar a narrativa.

5. Discussão

Primeiramente, foi possível identificar que o veículo adota a estratégia populista (Laclau, 2005) para antagonizar o Judiciário brasileiro, por meio de ataques a ministros, comparações com regimes autoritários e associações a uma ala ideológica considerada oposta aos conservadores. Dessa forma, a narrativa busca deslegitimar a atuação da Suprema Corte no caso que trata da tentativa de golpe de Estado no Brasil, a partir da demonização (Rae, 2021) da instituição e da atribuição



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



16

de qualidades políticas aos processos jurídicos – caracterizando-os como perseguição ideológica.

Ademais, foi possível perceber o uso estratégico de fontes para fortalecer a narrativa, com políticos bolsonaristas servindo de apoio à radicalização do discurso. Arelado a isso, a análise identificou que não foi utilizada nenhuma referência que manifestasse uma perspectiva contrária ao que estava sendo difundido pelo veículo, apresentando uma versão tendenciosa e unilateral dos fatos (Recuero; Soares; Gruzd, 2020). Assim, observa-se que a Oeste possui pouco compromisso com os fatos em si, mas busca produzir um discurso que seja facilmente apropriado pelo público-alvo. A estratégia se dá principalmente em manter um elo entre o veículo e o leitor, de modo que possam perceber que ambos compartilham da mesma perspectiva (Fortchner, 2021). Esse processo contribui para o isolamento informacional da audiência e para o reforço de visões de mundo já compartilhadas pelos leitores (Benkler et al., 2017), o que pode ocasionar na radicalização nos posicionamentos políticos (Cinelli et al., 2021).

Além disso, a produção de textos sensacionalistas e apelativos pela Oeste tende a inflamar as paixões de quem os lê (Mourão; Robertson, 2019), desgastando a camada racional do debate público. Essa dinâmica produtiva pode estar relacionada às características de funcionamento das plataformas de mídia social, que priorizam o engajamento e potencializam conteúdos polêmicos (Recuero, 2024).

6. Conclusão

A pesquisa buscou traçar um paralelo entre o referencial teórico e o caso da Vaza Toga, a fim de compreender como a Revista Oeste constrói narrativas desinformativas no Twitter/X. A partir disso, conclui-se que a Revista Oeste emprega uma estratégia populista (Laclau, 2005) utilizando-se de desinformações que reforçam as identidades políticas da audiência para antagonizar o Judiciário. Essa



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



17

estratégia é potencializada por uma linguagem emocional e sensacionalista que se adapta às dinâmicas de circulação e engajamento das plataformas digitais, recorrendo frequentemente a exageros, descontextualizações e inverdades para causar uma percepção enganosa no leitor e obter ganhos políticos e econômicos a partir disso.

Por fim, destaca-se que o estudo possui limitações relacionadas ao tamanho do corpus e ao recorte temporal analisado. Pesquisas futuras podem ampliar a investigação para outros períodos, plataformas ou veículos hiperpartidários, bem como explorar a recepção dessas narrativas pelas audiências. Esses caminhos podem contribuir para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas de desinformação e das transformações do jornalismo no ambiente digital.

6. Referências

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of economic perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.

BALA, Kiran. Social media and changing communication patterns. **Global Media Journal: Indian Edition**, v. 5, n. 1, 2014.

BARNIDGE, Matthew; PEACOCK, Cynthia. A third wave of selective exposure research? The challenges posed by hyperpartisan news on social media. **Media and communication**, v. 7, n. 3, p. 4-7, 2019.

BASTOS, Marco T.; MERCEA, Dan. The Brexit botnet and user-generated hyperpartisan news. **Social science computer review**, v. 37, n. 1, p. 38-54, 2019.

BENKLER Y, FARIS R, ROBERTS H, et al. Breitbart-led right-wing media ecosystem altered broader media agenda. *Columbia Journalism Review*. Nova Iorque, 2017. Disponível em: <https://www.cjr.org/analysis/breitbart-media-trump-harvard-study.php>. Acesso em: 07 fev 2026

BHATT, Shweta et al. Illuminating an ecosystem of partisan websites. In: **Companion Proceedings of The Web Conference 2018**. 2018. p. 545-554.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative research in sport, exercise and health**, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÔNEMENTO

APOIO



18

CALDERÓN, C. A.; ALONSO, M. O.; HERRERO, D. B. Digitalización del periodismo iberoamericano y su efecto en la relación del periodista con la audiencia. Estudio comparativo de Argentina, Brasil, Chile, Colombia, Ecuador, El Salvador, España, México y Portugal. **Journal of Iberian and Latin American Research**, 26(3), 284–300, 2020.

CARDOSO, Laís Cristine Ferreira; DA ROCHA, Heitor Costa Lima. “É um julgamento político”: a ineliminabilidade de Jair Bolsonaro pela ótica da Revista Oeste.

CESARINO, Leticia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & sociedade**, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.

CGI.br - Comitê Gestor da Internet no Brasil. Princípios do CGI.br para a regulação de plataformas de redes sociais. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://cgi.br/pagina/principios-cgibr-regulacao-redes-sociais/>. Acesso em: 8 fev 2025.

CGI.br - Comitê Gestor da Internet no Brasil. Tipologia de provedores de aplicação. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://cgi.br/noticia/releases/cgi-br-elabora-proposta-de-tipologia-para-diferenciar-provedores-de-aplicacoes-internet/>. Acesso em: 8 de fev. 2025.

CINELLI, Matteo et al. The echo chamber effect on social media. **Proceedings of the national academy of sciences**, v. 118, n. 9, p. e2023301118, 2021.

DOS ANJOS FONSECA, A. Regimes de atenção no jornalismo digital e suas consequências nos processos produtivos. **Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo**, 8(2), 1–19, 2021.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power** (2nd ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315838250>

FARIS, Robert et al. Partisanship, propaganda, and disinformation: Online media and the 2016 US presidential election. **Berkman Klein Center Research Publication**, v. 6, 2017.

FORCHTNER, Bernhard. Introducing ‘narrative in critical discourse studies’. **Critical Discourse Studies**, v. 18, n. 3, p. 304-313, 2021.

GERBAUDO, Paolo. Social media and populism: an elective affinity?. **Media, culture & society**, v. 40, n. 5, p. 745-753, 2018.

HEER, Hannes et al. **The Discursive Construction of History**. Remembering, 2008.

HERMIDA, Alfred. Social journalism: Exploring how social media is shaping journalism. **The handbook of global online journalism**, v. 12, p. 309-328, 2012.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



19

JENSEN, Klaus Bruhn. When is meaning? Communication theory, pragmatism, and mass media reception. **Annals of the International Communication Association**, v. 14, n. 1, p. 3-32, 1991.

KAKUTANI, Michiko. **The death of truth: Notes on falsehood in the age of Trump**. Crown, 2019.

LACLAU, Ernesto. **On populist reason**. Verso, 2005.

LARSSON, Anders Olof. News use as amplification: Norwegian national, regional, and hyperpartisan media on Facebook. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 96, n. 3, p. 721-741, 2019.

LENZI, Alexandre. Jornalismo nativo digital brasileiro: Um estudo de caso do Nexa. **Revista Famecos**, v. 27, n. 1, p. e36102-e36102, 2020.

MOURÃO, Rachel R.; ROBERTSON, Craig T. Fake news as discursive integration: An analysis of sites that publish false, misleading, hyperpartisan and sensational information. **Journalism studies**, v. 20, n. 14, p. 2077-2095, 2019.

NGUYEN, C. Thi. Echo chambers and epistemic bubbles. **Episteme**, v. 17, n. 2, p. 141-161, 2020.

O'REILLY, Tim. **What is web 2.0?** 30 set. 2005.

PARK, Chang Sup. Does Twitter motivate involvement in politics? Tweeting, opinion leadership, and political engagement. **Computers in human behavior**, v. 29, n. 4, p. 1641-1648, 2013.

PEACOCK, Cynthia et al. Hyperpartisan news use: Relationships with partisanship and cognitive and affective involvement. **Mass Communication and Society**, v. 24, n. 2, p. 210-232, 2021.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras**, v. 22, n. 1, 2020.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E-Compós, [S. l.]*, v. 9, 2007. Disponível em: <https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/153>. Acesso em: 8 fev. 2026.

PRIMO, Alessandra Teixeira. Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard. **Intexto. Porto Alegre, RS. N. 25 (dez. 2011), p. 130-146**, 2011.

RAE, Maria. Hyperpartisan news: Rethinking the media for populist politics. **New Media & Society**, v. 23, n. 5, p. 1117-1132, 2021.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



20

RECUERO, Raquel. **A rede da desinformação: Sistemas, estruturas e dinâmicas nas plataformas de mídias sociais**. Editora Sulina, 2024.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia (São Paulo)**, n. 41, p. 31-47, 2019.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe Bonow; GRUZD, Anatoliy. Hyperpartisanship, disinformation and political conversations on Twitter: The Brazilian presidential election of 2018. In: **Proceedings of the international AAAI conference on Web and social media**. 2020. p. 569-578.

REDAÇÃO OESTE. A farsa escancarada do 8 de janeiro. **Revista Oeste**, São Paulo, 08 ago 2025. Disponível em: <https://revistaoeste.com/revista/edicao-282/vaza-toga-a-farsa-escancarada-do-8-de-janeiro/> Acesso em: 08 fev 2026.

REDAÇÃO OESTE. A crise veste toga. **Revista Oeste**, São Paulo, 26 set 2025b. Disponível em: <https://revistaoeste.com/revista/edicao-289/a-crise-veste-toga/> Acesso em: 08 fev 2026.

ROMANCINI, Richard; GENNARI, Ana Júlia. O populismo de direita e a comunicação. **Revista Eco-Pós**, v. 26, n. 01, p. 31-55, 2023.

SOARES, Felipe Bonow; RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Asymmetric polarization on Twitter and the 2018 Brazilian presidential elections. In: **Proceedings of the 10th international conference on social media and society**. 2019. p. 67-76.

WENDLING, Mike. **Alt-right: From 4chan to the White House**. Fernwood Publishing, 2018.

ZAGO, G. da S. Circulação e recirculação de narrativas do acontecimento no jornalismo em rede: a Copa do Mundo de 2014 no Twitter. 2014.